

# EDITORIAL

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i27p5-8>

Este dossiê contempla um gênero romanesco que, nascido na Alemanha do final do século XVIII, ramificou-se para inúmeras outras literaturas, dentro e fora do continente europeu. Trata-se do chamado “Romance de Formação” (*Bildungsroman*), que tem seu paradigma e protótipo em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, narrativa em oito livros que Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) publicou entre os anos de 1795 e 1796. Conforme se lerá em vários dos ensaios aqui enfeixados, a expressão *Bildungsroman* não provém do autor desse romance em que o substantivo *Bildung*, “formação”, ocorre dezenas e dezenas de vezes. A expressão tampouco foi usada por Hegel (1770 – 1831) em sua *Estética* ao discorrer sobre o “Romanesco” (*Romanhafte*), quando se orienta de maneira inequívoca pelos *Anos de aprendizado*. O pioneirismo na cunhagem dessa designação de gênero coube a Karl Morgenstern (1770 – 1852), que numa série de conferências proferidas na Universidade de Dorpat (atualmente Tartu, capital da Estônia) ressaltou o significado crucial da ideia de “formação” não só para o herói Wilhelm Meister como também para seu criador e, não menos importante, para os leitores. Com efeito, logo na conferência inaugural, em 12 de dezembro de 1819 (“Sobre a essência do romance de formação”), Morgenstern se mostra plenamente consciente de estar usando o termo *Bildungsroman* pela primeira vez na história da literatura: “Ele deverá se chamar *romance de formação*, em primeiro lugar por causa do seu assunto, porque ele representa a formação do herói em seu começo e em seu desenvolvimento, até um certo estágio de aperfeiçoamento; mas, em segundo lugar, também porque, exatamente através dessa representação, ele fomenta a formação do leitor, numa medida mais ampla do que qualquer outra espécie de romance”.

Se foi, contudo, na longínqua Estônia que o termo *Bildungsroman* veio a lume, sua efetiva consolidação e difusão na história e teoria do gênero que tem no *Dom Quixote* seu primeiro grande representante se deve a Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) que, em seu estudo *Schleiermachers Leben [Vida de Schleiermacher]* (1870), chamava *Bildungsromane* “àqueles romances que constituem a escola de Wilhelm Meister [...] A obra de Goethe mostra aperfeiçoamento [*Ausbildung*] humano em diversas etapas, configurações e fases de vida”. E três décadas depois, em sua clássica obra *Das Erlebnis*

*und die Dichtung* [A vivência e a Poesia], Dilthey buscou uma apreensão mais abrangente do que seria de fato a “escola de Wilhelm Meister” ao referir-se a uma incipiente tradição romanesca que tinha como protagonista um jovem movido por aspirações semelhantes às nutridas pelo herói goethiano: “como ele [esse jovem] ingressa na vida num alvorecer feliz, procura por almas afins, encontra a amizade e o amor, mas também entra em conflito com a dura realidade da vida e assim, sob as mais variadas experiências, vai amadurecendo, encontra-se a si mesmo e conscientiza-se da sua tarefa no mundo”.

Se nos primeiros tempos a descendência de Wilhelm Meister não foge muito à constelação criada por Goethe e teoricamente delineada por Dilthey na passagem citada (e por Hegel nas explicações sobre o “Romanesco”), no decorrer do século XIX e XX – e ainda na primeira década do século XXI, conforme mostra exemplarmente o ensaio sobre o romance *O pescoço da girafa* – essa descendência passará por inúmeras metamorfoses, também com o advento de personagens femininas, negras e proletárias, como figuram em romances abordados neste dossiê.

Os critérios pelos quais se pode atribuir o termo *Bildungsroman* a uma narrativa são cambiantes e isso se reflete na diversidade de tipologias que temos do gênero, como a apresentada por Jürgen Jacobs em 1972, *Wilhelm Meister und seine Brüder* [W. M. e seus irmãos], ou a tipologia proposta por Mikhail Bakhtin no estudo publicado no Brasil com o título *Estética da criação verbal*. (Uma síntese de várias tipologias surgidas até 2007, quando Ortrud Gutjahr publica um estudo sobre romances de formação protagonizados por mulheres, incluindo-se imigrantes, é oferecido no capítulo “Metamorfoses de Wilhelm Meister”, do volume *Labirintos da aprendizagem*, de M. V. Mazzari.) Mas até mesmo a mera designação de gênero não é ponto pacífico entre críticos, historiadores e teóricos de literatura, pois ao lado de *Bildungsroman* encontramos também “romance de educação” (*roman d'éducation*; o próprio Bakhtin emprega *roman vospitanija*), “romance de aprendizagem” (*apprenticeship novel*; *roman d'apprentissage*), “romance de desenvolvimento” ou de “evolução”, como Wolfgang Kayser traduz o substantivo composto alemão *Entwicklungsroman*.

O espectro em que se inserem as múltiplas tipologias do modelo narrativo inaugurado no final do século XVIII com *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* reveste-se, portanto, de extraordinária amplitude e num de seus extremos situa-se a concepção *stricto sensu*, que considera como *Bildungsromane* tão somente as obras surgidas na chamada “Era de Goethe”, a qual se estende *grosso modo* entre os anos de 1770 e 1830. No limite, essa concepção tenderia a um “cânone mínimo”, para aludir ao sugestivo título do estudo publicado entre nós por Wilma Patricia Maas em 1999, ou seja, a única obra que conduz a trajetória formativa do herói

ao final harmonioso e produtivo que deve caracterizar um *Bildungsroman* seria o próprio paradigma goethiano. De certa perspectiva, essa concepção encontra respaldo no Georg Lukács da *Teoria do romance*, ao afirmar que todo romance “verdadeiramente grande” (da envergadura do *Dom Quixote* ou do próprio *Wilhelm Meister*, citando dois exemplos estudados pelo crítico húngaro) permanece como “única objetivação realmente significativa de seu tipo”. E uma visão semelhante expressou Walter Benjamin, em seu ensaio sobre Marcel Proust, ao observar que “todos os grandes livros são casos singulares, que constituem ou dissolvem um gênero”. No outro polo do mencionado espectro tipológico teríamos uma concepção *lato sensu* do gênero em foco, a qual norteou a composição do presente dossiê. Essa concepção foi assumida pelo próprio Lukács em estudos posteriores à *Teoria do romance*, como no ensaio de 1939 sobre o suíço Gottfried Keller (autor do extraordinário romance *O verde Henrique*), em que afirma: “Considerado de maneira mais ampla e abstrata, quase todo romance burguês moderno e significativo contém a história de uma educação. [...] As obras de Balzac e Stendhal são romances de educação nesse sentido mais amplo e geral”. Também o romancista austríaco Robert Musil, como se poderá ler num dos ensaios, referiu-se a uma “formação em sentido mais abrangente”, correlata à imensa “plasticidade orgânica do homem”, o que alargaria consideravelmente, na concepção musiliana, as fronteiras do “romance de formação”.

Desse ângulo não haveria por que fechar a descendência de Wilhelm Meister a heróis como Lucien de Rubempré, Raskólnikov, o pequeno Pip (Philip Pirrip, narrador e protagonista do romance de Charles Dickens *Grandes esperanças*, que será discutido na segunda parte deste dossiê), o Jean Valjean de Victor Hugo, o próprio “homem sem qualidades” Ulrich, e ainda às várias outras figuras, masculinas e femininas, que desfilam neste volume: Stephen Dedalus, de James Joyce; Franz Biberkopf, de Alfred Döblin; a Joana do primeiro romance de Clarice Lispector; Riobaldo de *Grande Sertão: Veredas*; Alfredo (herói do moderno “romance de formação na Amazônia Oriental”), de Dalcídio Jurandir; o Antônio Balduino de Jorge Amado, que será apresentado como “um dos primeiros, senão o primeiro herói negro da literatura brasileira”; ou ainda, entre outras personagens, a moçambicana Sarnau (*Balada de amor ao vento*), de Paulina Chiziane, e a alemã Inge Lohmark (*O pescoço da girafa*), professora de biologia e educação física numa escola de província na antiga República Democrática Alemã.

Este dossiê coloca, portanto, nas mãos do leitor brasileiro (assim como a continuação que seguirá em breve) um panorama multifacetado do tipo romanesco que também pode ser visto como contribuição de Goethe à “Literatura Mundial” (*Weltliteratur*), conceito que ele próprio lançaria cerca de três décadas após o surgimento dos *Anos de aprendizado*. Se o *Bildungsroman*, em sentido lato, tem vigorosa presença nas mais diversas

literaturas, isso se deve certamente – conforme mostrarão os textos aqui enfeixados – ao poder de atração que o tema da “formação” do indivíduo, do desenvolvimento de suas potencialidades, sempre exerceu (e continua exercendo) sobre os romancistas, levando-os a colocar em cena personagens em processo de amadurecimento, aprendizagem, educação, não importando se as respectivas “trajetórias de formação” confluem para um desfecho positivo ou se sucumbem à “prosa adversa das relações sociais”, concluindo com essa formulação da *Estética* hegeliana.

**Marcus Vinicius Mazzari**, organizador deste dossiê.

Organização: **Marcus Vinicius Mazzari**

Comissão Editorial da revista *Literatura e Sociedade*: **Anderson Gonçalves da Silva; Edu Teruki Otsuka; Marcus Vinicius Mazzari e Samuel de Vasconcelos Titan Júnior.**

Composição, diagramação e produção técnica: **Aryanna dos Santos Oliveira.**